

**Pandemia da covid-19 no Brasil:  
retrato da subserviência da ciência ao capital**

**Covid-19 pandemic in Brazil:  
portrait of the subservience of science to capital**

**Pandemia de Covid-19 en Brasil:  
retrato de la subordinación de la ciencia al capital**

**Resumo**

Ao discutirmos sobre a categoria ideologia, constatamos que esta tem caráter histórico e prático, assumido em determinadas formas sociais. Associamos as reflexões sobre tal categoria à conjuntura bárbara pandêmica a qual o Brasil esteve enredado. A pandemia do novo coronavírus atingiu recordes diários de óbitos nesse país, na qual a média de mortes chegou a mais de três mil pessoas diariamente, de acordo com dados do CONASS (Conselho Nacional de Secretários de Saúde). O objetivo deste artigo é elucidar a subserviência da ciência burguesa ao capital. Para tanto, recorreremos ao materialismo histórico-dialético de modo a desvelar o objeto de pesquisa, ou o mesmo que o seu *ser-precisamente-assim*. A subserviência da ciência ao capital e a continuidade da pandemia mesmo com a existência da vacina, provam que estamos vivendo em estado de completa barbárie, esta produzida e reproduzida pelo sistema do capital.

**Palavras-chave:** Pandemia, Covid-19, Ideologia, Ciência, Capital.

**Abstract**

When discussing the ideology category, we found that it has a historical and practical character, assumed in certain social forms. We associate reflections on this category with the barbaric pandemic situation in which Brazil was enmeshed. The new coronavirus pandemic reached daily death records in that country, in which the average number of deaths reached more than three thousand people daily, according to data from CONASS (National Council of Health Secretaries). The purpose of this article is to elucidate the subservience of bourgeois science to capital. To do so, we resort to historical-dialectical materialism in order to unveil the research object, or the same as its being-precisely-like. The subservience of science to capital and the continuity of the pandemic even with the existence of the vaccine, prove that we are living in a state of complete barbarism, produced and reproduced by the capital system.

**Keywords:** Pandemic, Covid-19, Ideology, Science, Capital.

**Resumen**

Al discutir la categoría ideología, encontramos que tiene un carácter histórico y práctico, asumido en ciertas formas sociales. Asociamos las reflexiones sobre esta categoría a la bárbara situación de pandemia en la que se vio envuelto Brasil. La pandemia del nuevo coronavirus alcanzó récords diarios de defunciones en ese país, en el que el promedio de fallecidos llegó a más de tres mil personas diarias, según datos del CONASS (Consejo Nacional de Secretarios de Salud). El propósito de este artículo es

dilucidar la sumisión de la ciencia burguesa al capital. Para ello recurrimos al materialismo histórico-dialéctico con el fin de develar el objeto de investigación, o lo mismo su ser-precisamente-como. El servilismo de la ciencia al capital y la continuidad de la pandemia aún con la existencia de la vacuna, prueban que vivimos en un estado de completa barbarie, producida y reproducida por el sistema del capital.

**Palabras clave:** Pandemia, Covid-19, Ideología, Ciencia, Capital.

## Introdução

O Miranda apresentou-se na estalagem logo pela manhã, o ar compungido, porém superior. Deu um ligeiro abraço em João Romão, falou-lhe em voz baixa, lamentando aquela catástrofe, mas felicitou-o porque tudo estava no seguro. [...] O vendeiro, com efeito, impressionado com a primeira tentativa de incêndio, tratara de segurar todas as suas propriedades; e, com tamanha inspiração o fez que, agora, em vez de lhe trazer o fogo prejuízo, até lhe deixaria lucros.

Aluísio de Azevedo em **O Cortiço**, 2005, p. 171.<sup>1</sup>

A literatura é capaz de evidenciar a essência da sociabilidade burguesa. Na letra supracitada depreendemos como a tragédia – na ficção literária, o incêndio no cortiço; na realidade, o genocídio pandêmico – pode gerar lucros ao capitalista, para este tudo é válido em nome da acumulação. Ao discutirmos sobre a categoria ideologia, constatamos que esta tem caráter histórico e prático, assumido em determinadas formas sociais e em especial na sociabilidade burguesa. Associamos as reflexões sobre tal categoria à conjuntura bárbara pandêmica a qual o Brasil esteve enredado. A pandemia do novo coronavírus atingiu recordes diários de óbitos nesse país, na qual a média de mortes chegou a mais de três mil pessoas diariamente, de acordo com dados do CONASS (Conselho Nacional de Secretários de Saúde).

Todos esses fatos ocorreram mesmo com a existência de inúmeras vacinas eficazes na imunização contra a covid-19. Daí surgem os questionamentos: Por que a pandemia se agravou mesmo com a ciência tendo produzido imunizantes eficazes contra o coronavírus? Por que essas vacinas não são universalizadas para todas as pessoas? Elucidar tais questões é o desafio desse artigo. Apreender a estrutura social que se configura como base econômica para a superestrutura e a sua relação com a ideologia é imprescindível para deslindarmos como a ideologia é concretizada na **praxis** cotidiana. Portanto, o objetivo deste artigo é elucidar a subserviência da ciência

burguesa ao capital.

Para tanto, recorreremos ao materialismo histórico-dialético de modo a desvelar o objeto de pesquisa, ou o mesmo que o seu *ser-precisamente-assim*<sup>2</sup>. Mediante o método marxiano analisaremos a singularidade brasileira para elevá-la ao universal através de suas particularidades. O desvelamento do caso singular brasileiro, em que o imunizante contra a covid-19 foi amplamente negado à população, leva-nos a considerações universais sobre o funcionamento do modo de produção capitalista. Assim, partimos da consideração da saúde em seu caráter ontológico, necessariamente ligada ao processo de produção do trabalho, pautada nas classes sociais como definidoras da saúde dos sujeitos históricos<sup>3</sup>.

Com vistas a atingir o objetivo mencionado, resumiremos o texto em duas seções: a primeira intitulada **1 A ideologia da burguesia** denota as principais características do erguimento ideológico burguês balizados por Marx, Engels e Mészáros; a segunda, denominada **2 Subserviência da ciência ao capital** demonstra mediante o exemplo da pandemia da covid-19 no Brasil, como a ciência burguesa busca atender às demandas da acumulação de capital.

## **1 A ideologia da burguesia**

Para Mészáros<sup>4</sup>, a ideologia não é necessariamente uma falsa consciência social, assim, ao abordarmos a ideologia precisamos situá-la historicamente de acordo com sua função social em dadas formas de sociabilidade. Não existe relação social a-histórica, muito menos ideologia que surja num vácuo, perdida no espaço-tempo. O desenvolvimento da ideologia acompanha o desenvolvimento da luta de classes, porém, tal afirmação, segundo o mesmo autor, não deve levar à compreensão mecanicista de que estamos caminhando sempre rumo ao progresso, porquanto a história não é linear, sofre influências das práticas e movimentos sociais exercidos coletivamente na sociedade e que cristalizam a ligação entre estrutura e superestrutura. Portanto, compreendemos a ideologia, a partir do autor supracitado, como um conjunto de práticas sociais coletivas, historicamente localizadas, que interferem nos rumos históricos das formas de sociabilidade e estão em plena articulação com as classes sociais fundamentais.

“As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes”<sup>5</sup>. Logo, a ideologia não pode ser considerada somente como falsa consciência, porque

assim estaríamos fechando as portas da história para a transformação radical da sociedade. A ideologia da classe dominante favorecerá necessariamente a essa classe, porém, a história está em aberto, podendo confluir mediante práticas e condições sócio-históricas específicas, numa ideologia da classe trabalhadora rumo à emancipação humana. Para alcançarmos tamanha transformação, é importante entender sob quais moldes ideológicos estamos inseridos hodiernamente e qual é a função social que estes exercem na sociabilidade burguesa.

O sistema capital tem como classe dominante a burguesia. Essa classe social se forja a partir do século XVI, no processo de acumulação primitiva do capital<sup>6</sup>. Através da colonização, racismo, expropriação e extermínio de populações originárias, a burguesia conseguiu se consolidar política e economicamente a partir da Revolução Francesa (1789). A classe ascendente e revolucionária, transformou a sociedade feudal radicalmente. Todas as formas de ser foram subsumidas por uma nova forma de sociabilidade.

A burguesia, enquanto nova classe dominante, precisou forjar uma ideologia compatível com a manutenção do seu poder político e econômico. Os ideólogos burgueses trataram logo de tentar falsear a realidade, em que ao modo de produção capitalista é atribuído o caráter errôneo de eterna imutabilidade, a fim de construir uma ideologia de manutenção da ordem social burguesa. A influência do Iluminismo, do jusnaturalismo e do liberalismo foi essencial para a conformação do *ethos* individualista burguês e o estabelecimento de uma sociedade nomeada como livre, mas que mantém um sem número de desgraças sob suas entranhas e se estrutura sob a exploração de uma classe sobre a outra. A classe dominante forjou a ideologia dominante para amplificar a exploração do trabalho e expropriar o mais-valor produzido por cada trabalhadora e trabalhador<sup>6</sup>.

Nesse ínterim, a nova e até então, revolucionária, sociabilidade burguesa, cria uma nova ideologia: agora o ser humano pode absolutamente tudo, a ciência pode ser desenvolvida de forma primorosa, todo ser humano tem o direito inviolável sobre sua propriedade privada. Mas, no sistema do capital, somente uma pequena parte da população existente é considerada de fato um ser humano. As pessoas que não possuem propriedade, destituídas de suas terras na acumulação primitiva do capital e obrigadas a vender sua força de trabalho a outrem, também fazem parte do rol de propriedades dos capitalistas<sup>6</sup>. A burguesia em ascensão promete liberdade, igualdade e fraternidade, mas esquece de avisar que tais direitos só se aplicam àqueles

que possuem a propriedade dos meios de produção. Mulheres, negros, camponeses e trabalhadores em geral, não são considerados pela burguesia enquanto seres humanos, somente como força de trabalho explorável, por isso, ficam fora do pacto liberal por direitos. A ideologia da burguesia garante o seu próprio direito de continuar a expropriar e explorar outra classe social sob o manto de uma liberdade abstrata, meramente formal, que não se aplica de maneira nenhuma à classe trabalhadora que produz toda a riqueza material.

A partir do périplo da burguesia enquanto classe dominante, a ciência é tratada aparentemente de forma neutra. O positivismo enquanto ferramenta de manutenção da ordem burguesa traz à ciência uma falsa afirmativa de neutralidade. Cada vez mais o sistema do capital consegue empreender avanços nunca vistos, principalmente após a Revolução Industrial em que acontece a subsunção real do trabalho ao capital<sup>6</sup>. O sistema do capital passa a subordinar inteiramente a vida da classe trabalhadora às suas determinações. O avanço tecnológico significou para quem trabalha, o avanço da precarização e o surgimento de uma exército industrial de reserva que serve, em termos gerais, para baixar os salários de trabalhadoras e trabalhadores e obrigá-los a exercer qualquer ofício ou morrer de fome<sup>7</sup>. Essa é a liberdade oferecida pelo modo de produção capitalista.

Um fator decisivo que proporcionou o desenvolvimento tecnológico de forma exponencial foi o complexo industrial militar. A indústria da guerra e da destruição promoveu o avanço tecnológico com a criação de bombas de destruição em massa e resultaram como sobras da guerra, aparelhos eletrônicos como celulares, computadores, entre outros<sup>8</sup>. Tal avanço é aclamado pela burguesia, pois, a relação social capitalista deu um salto excepcional na ciência e tecnologia em relação às sociedades precedentes. Precisamos compreender qual é o custo desse “avanço” e o quão ideológica a ciência é, porque todas as invenções e descobertas científicas estão circunscritas a um determinado tempo histórico e reverberam de forma incontrolável por toda a sociedade.

## **2 Subserviência da ciência ao capital**

Remontamos Mészáros<sup>4</sup>, em sua afirmação de que a história não é teleológica, apesar de o trabalho ter o momento de teleologia. Podemos exemplificar tal fato através da conjuntura atual. Diversos cientistas pesquisaram e conseguiram criar vacinas

eficazes no combate ao coronavírus num tempo relativamente curto. Ao final de 2020 já haviam vacinas à venda no mundo, mas, até março de 2021, a pandemia continua a provocar “o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil<sup>9</sup>.”

Isso demonstra que a criação da vacina não significa necessariamente que todas as pessoas terão acesso a ela, ou seja, a transformação da natureza num imunizante capaz de deter um vírus, por si só, não garante que esse objetivo seja cumprido. A existência da vacina não assegura a sua universalização. O ato do ser humano ao transformar a natureza através do trabalho não afiança como será utilizado o produto desse trabalho posteriormente. Por isso, para elucidarmos a ideologia devemos situá-la historicamente, uma vez que, o sistema do capital e sua forma de ser, impede que todos os países tenham acesso igualitário às vacinas.

O individualismo burguês enquanto base ideológica para o sistema do capital permite que as vacinas possam ter patentes com o intuito de ser concentradas nas mãos das empresas transnacionais e possam ser negociadas para aumentar os dividendos dessas empresas na bolsa de valores. As ações das empresas farmacêuticas se valorizaram no “mercado da vacina”, enquanto milhões de pessoas continuavam sendo contaminadas e mortas pela covid-19. Segue lista das principais empresas farmacêuticas que aumentaram seus lucros em cima da morte, literalmente.

<b>Tabela I - Maiores retornos aos acionistas de farmacêuticas e valor de mercado</b>		
<b>Ranking</b>	<b>Empresa Farmacêutica</b>	<b>Aumento do lucro</b>
1º	Novavax	alta de 1.558%, a US\$ 8,1 bilhões;
2º	Moderna	alta de 585%, a US\$ 49,4 bilhões;
3º	BioNTech	alta de 223%, a US\$ 24,3 bilhões;
4º	Regeneron Pharmaceuticals	alta de 32,4%, a US\$ 56,9 bilhões;
5º	Johnson&Johnson	alta de 11,5%, a US\$ 428 bilhões;
6º	AstraZeneca	alta de 6,7%, a US\$ 133 bilhões;
7º	Pfizer	alta de 5,9%, a US\$ 204 bilhões;
8º	Sanofi	alta de 3%, a US\$ 126 bilhões.

**Fonte:** Produzida pela autora com base nos dados do G1<sup>10</sup>.

A finalidade da vacina sob a estrutura capitalista não é acabar com a pandemia e sim gerar lucros às grandes empresas farmacêuticas que fabricam a doença para em seguida engendrar o remédio. O complexo do capital financeiro é decisivo para a rotação e acumulação de capital<sup>11</sup>. Mediante a especulação financeira, empresas farmacêuticas obtêm lucro e não atendem aos interesses da humanidade em findar a

pandemia. Logo, não há, nem nos mais belos contos de fada, qualquer chance de existir uma ciência neutra, livre de qualquer ideologia. Num processo dialético de conformação das classes sociais e ascendência da burguesia enquanto classe dominante desde o século XVIII, a ciência é perpassada pela ideologia da classe dominante de sua época, ou seja, desde a gênese do modo de produção capitalista até hoje, a ciência é burguesa e está a serviço do sistema do capital de forma veemente.

Além das determinações próprias que configuram a forma de ser do capital, em que o lucro está evidentemente acima dos interesses da humanidade e o fetiche da mercadoria torna seres humanos vendáveis, o Brasil possuiu a triste peculiaridade de ter sido governado por um genocida e negacionista, que desdenhava das medidas de combate à covid-19, não utilizava máscaras, incentivava e participava de aglomerações de pessoas, realizava a troca constante de ministros da saúde, não construiu nenhum plano de vacinação, ao contrário tentou capturar propina sobre os imunizantes<sup>a</sup>.

A classe trabalhadora é atingida diretamente pelo genocídio promovido no Brasil, porquanto é a classe que precisa continuar trabalhando para sobreviver. Após ser cortado no fim de 2020, o auxílio emergencial volta mais baixo que antes, pois “em 2021 será pago a partir de abril, em quatro parcelas, com valores de R\$ 150, R\$ 250 ou R\$ 375, dependendo da família. Serão beneficiadas 45,6 milhões de pessoas, 22,6 milhões a menos do que no auxílio emergencial de R\$ 600, pago em meados do ano passado (68,2 milhões de pessoas)<sup>13</sup>”.

Tal “renda” oferecida à classe trabalhadora brasileira é insuficiente para a sua subsistência básica. Enquanto os burgueses têm lucros exorbitantes, os itens básicos de subsistência como alimentação, saúde, transporte, moradia, entre outras necessidades vitais dos seres humanos, são transformados pelo capital em mercadorias hiperinflacionadas completamente díspares em relação ao salário da população brasileira que se encontra desvalorizado e a fome passa a ser presença constante na vida de milhões de pessoas. O genocida, ex-presidente da república junto a sua base governamental, a exemplo de Paulo Guedes, sempre foi contrário a qualquer auxílio à

---

<sup>a</sup> Pereira relatou ao jornal que procurou o Ministério da Saúde para vender 400 milhões de doses da AstraZeneca, farmacêutica europeia que negou ter intermediários. Segundo a reportagem, durante as negociações, Pereira jantou com o diretor de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Ferreira Dias, e este teria lhe pedido o pagamento de propina de US\$ 1 por dose vendida (ao preço de US\$ 15,50 cada).<sup>12</sup>

classe trabalhadora. Essa ignóbil quantia oferecida à classe trabalhadora foi concretizada a despeito do governo federal. Em contraste à miséria, à fome e ao desemprego que estão sendo relegados à classe trabalhadora, ao capital financeiro foram destinados trilhões de reais para manter os seus bolsos sempre cheios<sup>14</sup>.

Num contexto de crise estrutural, o sistema do capital chega aos seus limites últimos<sup>8</sup>, não há possibilidade de continuar a acumulação incessante de capital, a não ser sob o aumento da exploração e retirada total de direitos da classe trabalhadora, como é o caso do Brasil que possuiu, ao longo da pandemia, cerca de 20 milhões de pessoas desempregadas ou desalentadas<sup>15</sup>. A lógica do capital se mostra de forma ainda mais perversa no Brasil. O país viveu um genocídio com mais de três mil mortes diárias, porquanto, o então presidente Jair Bolsonaro negou e dificultou a compra de vacinas, onde realizou propagandas absurdas contra a vacinação, afirmando que quem a tomasse viraria um jacaré<sup>16</sup>.

As piadas realizadas por Bolsonaro sobre a morte de milhares de brasileiras e brasileiros eram contínuas e demonstram explicitamente a forma de ser do capital. Na democracia burguesa é “aceitável” que as pessoas continuem trabalhando em detrimento de sua saúde e sem direitos. Chegamos num importante ponto de inflexão: os limites da democracia burguesa. Tal forma de comando político da burguesia, exercida mediante o poder do Estado, não é contraditória a uma figura facínora como Bolsonaro, ao contrário, através do voto (suposta prova de liberdade oferecida pela democracia burguesa) em eleições democráticas, um genocida se elege e cumpre suas próprias vontades que correspondem às insígnias de sua classe (burguesia), dizimando a vida da classe trabalhadora.

Se Bolsonaro é responsável diretamente pelo genocídio que ocorreu no Brasil, a estrutura do capital também é culpada, porquanto a liberdade abstrata oferecida pela ideologia burguesa, deixa os fascistas livres para voltar a fazer os genocídios que quiserem quando for conveniente economicamente para a classe dominante. Então, na prática, a liberdade formal empreendida pelo *ethos* burguês desde a concretização da burguesia enquanto classe dominante, permite que o fascismo se aflore novamente na sociabilidade burguesa. O fascismo é uma arma da burguesia num momento de crise do capital para manter a ordem burguesa<sup>17</sup>. Após diversas décadas de crise estrutural do sistema do capital, o fascismo eclode como o **ovo da serpente**<sup>b</sup> e promove

---

<sup>b</sup> Referência à obra fílmica de Ingmar Bergman (1977).



a desgraça na vida da classe trabalhadora brasileira.

A ideologia burguesa permite que o fascismo se converta em prática governamental num momento de severa crise do capital. A vacinação poderia ser universalizada de forma célere para combater a pandemia, mas os interesses do capital são diversos dos interesses da humanidade. A burguesia se encontra em decadência por seu caráter extremamente reacionário e está promovendo escombros por todos os lados para manter a acumulação de capital e concentração de riquezas nas mãos dos bilionários.

O sistema do capital não serve aos interesses da humanidade, a lei geral da acumulação capitalista<sup>6</sup> é implacável: para acumular riquezas individualmente é necessário explorar o trabalho alheio e acumular em seu contraponto a miséria e a pobreza aos 99% da população do mundo. Aquelas e aqueles que trabalham, sustentam a acumulação de riquezas roubadas pela burguesia parasitária, por isso esse sistema deve ser arduamente denunciado. A ideologia da burguesia enquanto ligação entre a estrutura econômica e a superestrutura do sistema do capital permite aos proprietários privados (burguesia), liberdade para explorar a força de trabalho de acordo com as condições materiais e a correlação de forças sociais existentes em cada época histórica.

O desenvolvimento desigual entre países enquanto contradição inerente ao sistema do capital<sup>8</sup>, permite a existência de países liberais, que cumprem minimamente os protocolos sanitários e que realizaram celeremente a vacinação, ocasionando a manutenção de um número decrescente de óbitos decorrentes da covid-19, em contrapartida, o Brasil, país dependente<sup>18</sup>, passa por um processo de colonização contemporânea promovido pelo imperialismo, onde a classe trabalhadora é tratada sob mão de ferro mediante um genocídio com cerca de 704.794 mil óbitos<sup>19</sup>.

### **Considerações Finais**

O processo de subserviência da ciência ao capital, exemplificado pelo caso brasileiro, decorre do fetichismo da mercadoria no modo de produção capitalista, em que a produção é destinada à troca e a classe trabalhadora, destituída de meios de produção, é transformada numa mercadoria explorada até a morte. O fato do sistema do capital permitir que seres humanos sejam comercializados, vendidos, trocados e

descartados, implica na desumanização dessas pessoas e na impossibilidade de conciliação dos interesses entre quem é explorado e quem explora. Isso implica em consequências específicas para, além da classe trabalhadora como um todo, o povo negro, as mulheres, os LGBTQIA+, entre outros segmentos populacionais, que podem ser investigados acuradamente em posteriores investigações.

O fetiche da mercadoria, a mundialização do capital e a impossibilidade de interromper a rotação do capital sem prejudicar o processo de acumulação que é imprescindível ao desenvolvimento destrutivo exercido pelo modo de produção capitalista. A exploração de seres humanos e da natureza feita pelo sistema do capital ocasionou a pandemia e ainda pôs a classe trabalhadora para pagar a conta desse processo tendo que trabalhar mesmo na iminência da morte.

Com efeito, são as medidas econômicas e políticas demandadas pelo enfrentamento da crise estrutural que aumentaram a desigualdade e o desemprego para níveis alarmantes. Portanto, não é a pandemia da COVID-19 a responsável pela fome e pela miséria, por levar à morte os indivíduos pauperizados da classe trabalhadora, mas o próprio *modus operandis* do capitalismo, na efetivação diária do seu caráter destrutivo, sobretudo por possibilitar o acúmulo de riqueza nas mãos de poucos e a pauperização daqueles que produzem tal riqueza. A pandemia, então, se constitui enquanto mais um elemento soerguido das bases objetivas do capital mundializado e que adentra nessa espiral contraditória, estabelecendo uma relação de determinação recíproca para com as mesmas, mas estando longe de ser a raiz dos problemas sociais<sup>20</sup>.

A perversidade da forma de ser do sistema do capital pode ser compreendida a partir das determinações objetivas da realidade e a ideologia como o elo entre estrutura e superestrutura que se converte em diversas práticas sociais. A ideologia burguesa oferece liberdade total aos proprietários privados e está imersa nas práticas sociais estabelecidas por essa sociabilidade que tenta se auto afirmar como eterna e imutável. A subserviência da ciência ao capital e a continuidade da pandemia mesmo com a existência da vacina, provam que estamos vivendo em estado de completa barbárie, esta produzida e reproduzida pelo sistema do capital.

No entanto, resgatamos o início deste breve artigo, quando afirmamos que a história está em aberto. A história está para ser construída, podemos caminhar diretamente ao abismo da ânsia pela acumulação sob a tragédia humana, ou construir uma alternativa revolucionária ao sistema do capital<sup>4</sup>. Nada disso está dado *a priori*, devido ao fato da história não ser teleológica. Todas as práticas, movimentos sociais e formas

de ideologia da classe trabalhadora que fogem do *ethos* burguês e buscam o rompimento radical com a sociabilidade burguesa têm chances reais de concretização no decorrer dos processos sócio-históricos. Cabe às trabalhadoras e aos trabalhadores seguir o horizonte da luta revolucionária.

## Referências

1. AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. 2. ed. Grajaú/RJ: Escala, 2005.
2. LUKÁCS, György. **Para a ontologia do ser social** volume 14 – Maceió: Coletivo Veredas, 2018.
3. SOUZA, Diego de Oliveira. A saúde na perspectiva da 'ontologia do ser social'. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 337-354, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00009>. Acesso em: 04 ago. 2023.
4. MÉSZÁROS, István. **Estrutural Social e Formas de Consciência: a dialética da estrutura e da história**. São Paulo, Boitempo, 2011.
5. ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
6. MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2. ed. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.
7. MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. São Paulo: Global Editora, 1980.
8. MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.
9. OBSERVATÓRIO COVID-19/FIOCRUZ. **Boletim Extraordinário**. 16 mar. 2021. Disponível: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim\\_extraordinario\\_2021-marco-16-red-red-red.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-marco-16-red-red-red.pdf) . Acesso em: 04 ago. 2023.
10. G1. **Ações de farmacêuticas se valorizam com mercado de vacinas; veja ranking**. 21 jan. 2021. Disponível: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/21/acoes-de-farmaceuticas-se-valorizam-com-mercado-de-vacinas-veja-o-ranking.ghtml> . Acesso em: 04 ago. 2023.
11. MÜLLER, Leonardo André Paes; PAULANI, Leda Maria. O capital portador de juros em O Capital ou o sistema de Marx. **Trans/Form/Ação**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 69-91, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO) Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-31732012000200005>. Acesso em: 04 ago. 2023.

12. BBC NEWS BRASIL. Propina por vacinas? Entenda as 2 denúncias em negociação de doses pelo governo Bolsonaro. **BBC News Brasil**, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57666781> . Acesso em: 04 ago. 2023.
13. ARAÚJO, Carla. Timóteo, Antonio. Bolsonaro assina 4 parcelas do novo auxílio; 22,6 mi ficam sem o benefício. **UOL**. 18 mar. 2021. Disponível: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/03/18/bolsonaro-auxilio-emergencial-2021.htm> . Acesso em: 04 ago. 2023.
14. MOREIRA, Talita. Concessões de crédito somam R\$ 3,4 trilhões de março a dezembro, diz Febraban. **Valor Investe**. 11 jan. 2021. Disponível: <https://valorinveste.globo.com/produtos/credito/noticia/2021/01/11/concessoes-de-credito-somam-r-34-trilhoes-de-marco-a-dezembro-diz-febraban.ghtml> . Acesso em: 04 ago. 2023.
15. NUZZI, Vitor. Brasil fecha 2020 com 14 milhões de desempregados. **Brasil de Fato**. 29 dez. 2020. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/29/brasil-fecha-2020-com-14-milhoes-de-desempregados#:~:text=Em%20um%20ano%2C%20s%C3%A3o%201,milh%C3%B5es%20de%20ocupados%20a%20menos&text=Na%20%C3%BAltima%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20de%202020,a%20marca%20de%2014%20milh%C3%B5es> . Acesso em: 04 ago. 2023.
16. ISTO É. **Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu’**. 18 dez. 2020. Disponível: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce/> . Acesso em: 04 ago. 2023.
17. ZETKIN, Clara. **A Luta Contra o Fascismo**. 1923.
18. MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: SADER, E. (Org.). **Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**. Petrópolis: Vozes/CLACSO/Laboratório de Políticas Públicas, 2000. pp. 105-165. (Coleção A Outra Margem).
19. BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil, 2020, 2021, 2022 e 2023**. Brasília/DF, 2023. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html) . Acesso em: 04 ago. 2023.
20. SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 2469-2477, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11532020> . Acesso em: 04 ago. 2023.

